

Museu de Portimão

Aprovado pela Deliberação nº 374/08 de 16/04/2008 da Câmara Municipal de Portimão



Plano de Conservação Preventiva Normas e Procedimentos

Museu de Portimão

ÍNDICE

I – Introdução

1. Objectivos

II – Caracterização

1. Caracterização do edifício

- 1.1- Localização
- 1.2- Clima, poluição e sismicidade
- 1.3- Implantação e área envolvente
- 1.4 -Edifício e estado de conservação
- 1.5- Adequação do edifício às colecções

2. Caracterização do acervo

- 2.1- Colecções
- 2.2- Estado de conservação
- 2.3- Localização das colecções

3. Caracterização dos recursos humanos

- 3.1- Quadro de Pessoal
- 3.2- Recursos internos e externos
- 3.3- Formação profissional

4. Caracterização das áreas

- 4.1-Áreas expositivas
- 4.2- Áreas de reserva
- 4.3-Centro de Documentação/Arquivo Histórico
- 4.4-Auditório

5. Público

III – Avaliação de riscos

1. Edifício

2. Áreas

3. Acervo

4. Factor humano

IV – Normas e Procedimentos

1. Segurança

1.1- Equipamentos de segurança

1.2- Normas de funcionamento das reservas

1.3- Normas de funcionamento das salas de exposição

1.4- Normas de funcionamento da oficina e laboratório de conservação e restauro

2. Monitorização e controlo ambiental e biológico

2.1- Luz

2.2- Climatização

2.3- Poluentes

2.4- Controlo biológico

3. Manutenção de equipamento

4. Materiais, equipamentos, sistemas de exposição, reserva e organização do espaço

4.1- Exposição

4.2- Reservas

5. Limpezas de espaços, equipamentos e acervo

5.1- Espaços e equipamentos

5.2- Acervo

6. Circulação de bens culturais

6.1- Manuseamento

6.2- Circulação interna

6.3- Circulação externa

Museu de Portimão

I – Introdução

1. Objectivos

De acordo com a sua missão e objectivos, o Museu de Portimão procura, através da execução do seu **Plano de Conservação Preventiva**, garantir desde logo, a integridade das colecções e bens culturais à sua guarda, antecipando procedimentos para exigentes padrões de segurança e de conservação, nas melhores condições possíveis tendo em conta o conhecimento e os recursos actuais.

Para além destas condições indispensáveis à garantia e protecção das suas colecções, o Museu prevê e estabelece parâmetros de segurança, que envolvam os profissionais do Museu, os seus visitantes e demais utentes, bem como as respectivas instalações¹.

As referidas condições consistem em meios mecânicos, físicos ou electrónicos e em constantes rotinas de monitorização de espaços, equipamentos e colecções, tendo por base a partilha de informação e actualização permanente visando estimular as atitudes e condutas pessoais, capazes de garantir a prevenção, a protecção física, a vigilância, a detecção e o alarme².

Por outro lado, o Plano de Conservação Preventiva deve ser encarado como uma ferramenta estratégica para a preservação dos bens culturais e para

¹ Lei –Quadro de Museus, de 19 de Agosto de 2004, artº 32 – Condições de Segurança

1- O museu deve dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a protecção e integridade dos bens culturais nele incorporados, bem como dos visitantes, do respectivo pessoal e das instalações.

² Cf. Lei –Quadro de Museus, de 19 de Agosto de 2004, artº 32, nº 2.

bom funcionamento de todo o espaço museológico e dos seus profissionais, sendo fundamental para o entendimento da política de preservação do Museu de Portimão a consulta do Regulamento Interno e o cumprimento dos procedimentos previstos no Plano de Segurança/Emergência.

Em síntese o Plano de Conservação Preventiva tem como objectivos

- a)-Garantir condições termo-higrométricas e rotinas de monitorização para a conservação das colecções;
- b)-Assegurar a qualidade e o bem-estar ambiental dos profissionais e utentes do Museu;
- c)-Proteger a integridade de pessoas, espaços, equipamentos e bens.

II – Caracterização

1. Caracterização do edifício

1.1- Localização

O edifício encontra-se situado no Barlavento do Algarve, em Portimão, na urbana ribeirinha, entre a rua D.Carlos I e a margem direita do rio Arade, numa zona de aluviões, implantado em terrenos conquistados ao rio, numa zona de elevada sismicidade, denominada “Falha de Portimão”³.

1.2- Clima, poluição e sismicidade

A região algarvia possui um clima mediterrânico, com verões quentes e uma temperatura média para o mês mais quente, superior a 22°C, encontrando-se esta zona do Barlavento, sob a influência do clima do barrocal, apresentando uma temperatura média anual de 16,7°C.

Nos meses de Fevereiro e Março regista-se por vezes, o aparecimento matinal de geada, até temperaturas de -6°C⁴.

A insolação média anual é de 2950 h.

³ Falha na qual foram detectadas evidências geológicas que mostram uma actividade recente (aproximadamente 2 milhões de anos), apresenta um traçado irregular no espaço e um comportamento difuso.

⁴ Cfr. F. Reis Cunha, *O Clima do Algarve*, U.T.L., I.S.A., 1975.

Tendo em conta os elevados valores de temperatura e insolação é previsível o efeito destes, nos movimentos de contracção/dilatação dos materiais constituintes do edifício.

Os valores da precipitação são praticamente nulos no período de Maio a meados de Setembro, tendo alguma expressão nos restantes meses do ano, sendo a precipitação média, 38.475 mm/ano

Deste modo, o número de horas de sol e a energia da radiação solar juntamente com a precipitação, originam prolongados meses de verões secos.

O edifício do Museu de Portimão encontra-se implantado junto ao rio, parcialmente sobre estacaria/arcaria de tijolo "burro" e uma cisterna, prevendo-se que possa surgir um aumento do teor da humidade ou algumas infiltrações, acentuando a percentagem de cloretos.

Estes aspectos foram tidos em consideração no projecto, prevendo-se como solução para a sua minimização, a transferência e absorção dos seus impactos para a infra-estrutura construtiva.

Relativamente à poluição verifica-se que esta sofre uma ligeira variação sazonal, dado o aumento considerável de número de veículos nos meses de verão, com reflexo no acréscimo dos níveis de poluentes externos, encontrando-se o Museu afastado de unidades industriais poluentes.

Os projectos de arquitectura e especialidades tiveram em conta os factores de catástrofes naturais, como cheias, ventos fortes e actividade sísmica, utilizando diversas técnicas e materiais, dentre os quais destacamos a implantação de estacas (2000 microestacas), de aço e betão de pequeno diâmetro, procurando-se deste modo anular a acção de quaisquer movimentos de terras e vibrações sísmicas.

1.3. Implantação e área envolvente

Em termos geológicos a área de implantação do Museu é caracterizada por terrenos resultantes do depósito dos aluviões e de aterros, constituídos maioritariamente por solos do Miocénico Marinho, sendo fraca a resistência ao assentamento de fundações directas.

O edifício, com uma área bruta de 7630 m², é constituído por vários corpos, desprovidos de vinculação estrutural entre eles.

Em termos de acessos, o Museu encontra-se junto a duas vias de comunicação, o Cais/passeio pedonal ribeirinho a nascente, junto ao rio Arade, e a estrada rodoviária de acesso à Praia da Rocha, a poente.

A entrada principal pública com acesso pelo cais/passeio pedonal, situa-se na zona central do edifício, apresentando uma posição privilegiada em termos funcionais, actuando como área distribuidora de comunicação e ingresso directo, a todos os espaços públicos dos serviços do Museu.

Os restantes espaços estão descritos no ponto 4-Characterização das Áreas, do Capítulo II.

O Auditório, situado no topo norte, funciona como barreira/fronteira física, com os edifícios comerciais de restauração privados contíguos.

A poente regista-se a existência de uma área residencial e a sul, uma área de estacionamento e trânsito de embarcações de recreio, pertencentes ao Clube Naval de Portimão, que se estende até aos muros do Convento de São Francisco.

Está prevista a colocação de coberto vegetal de protecção à fachada sul e na frente nascente de acesso ao Museu.

1.4. Edifício e estado de conservação

O edifício considerado um símbolo emblemático de uma das fases de desenvolvimento da economia do Município, faz parte integrante do património industrial imóvel.

A avaliação e o levantamento do conjunto edificado possibilitou a manutenção de partes estruturantes da fábrica, elementos relevantes da sua construção, nomeadamente a sua fachada e telhado, recuperação integral da

sala de limpeza e “descabeço” do peixe, chaminé, transportador de pescado, e estruturas metálicas de suporte da cobertura das naves industriais garantindo a adequação dos espaços às novas funções museológicas, especialmente a conservação das colecções, sem comprometer a sua volumetria original, enquanto unidade e espaço fabril

Visto tratar-se de um projecto recente e de realização actual o edifício encontra-se em óptimo estado de conservação. De salientar que no projecto em epígrafe se deu especial atenção às coberturas, paredes, janelas, esgotos, pavimentos, circuitos e equipamentos em geral, tanto em termos de execução como a nível dos materiais utilizados.

1.5. Adequação do edifício às colecções

O projecto do Museu de Portimão teve em conta 3 pressupostos no seu processo de construção:

- a)- estabilidade;
- b)- resistência;
- c)- impermeabilidade;

O edifício foi projectado com características térmicas, acústicas, anti-sísmicas e impermeabilizantes.

Nas coberturas utilizaram-se os seguintes materiais:

- a)- chapa metálica isotérmica nas naves industriais,
- b)- telha tipo “marselha”, sobre sub-telha de naturacimento, camada isolante térmica e forro de madeira hidrófugo, nos edifícios pré-existentes do lado poente;
- c) betão revestido a chapa metálica isotérmica nos edifícios novos e reservas.

Existem estores motorizados de lâminas exteriores móveis e orientáveis do lado nascente e estores interiores de tecido de poliéster com filtragem dos raios solares, do lado poente, para redução e controlo dos níveis de iluminação, incidência e exposição à luz solar.

O Programa Museológico, a análise do acervo e o diálogo com os projectistas, permitiu elaborar um projecto arquitectónico, que considerou espaços

adequados para as diferentes actividades e funções, nomeadamente salas de exposições, reservas, oficinas e laboratórios de conservação e restauro, serviços educativos, etc.

Foram igualmente tidas em conta as necessidades de articulação e acessibilidade entre os pisos, transporte e passagem de peças (independentemente das suas dimensões e peso), razão pela qual corredores, rampas, plataformas elevatórias e outras áreas de trânsito apresentam largura e pé direito suficiente e capacidade de resistência estrutural, para a circulação de cargas pesadas de considerável volumetria, de materiais e respectivos sistemas de transporte.

O edifício encontra-se calafetado e equipado com um sistema de filtragem de ar. Relativamente à poluição interna evitou-se o uso de materiais de construção potencialmente contaminantes como aglomerados de madeira, PVC e colas.

2. Caracterização do acervo

2.1. Colecções

O Museu Municipal de Portimão possui uma diversidade tipológica de bens culturais de referência que testemunham a história local.

O Museu de Portimão integra no seu espólio as seguintes colecções:

- a)- Património Industrial e Etnográfico: Indústria Conserveira, Construção Naval, Pesca, Estiva, Litografia, Fundição, Latoaria, Fumeiros, Transportes, Tipografia, etc.;
- b)-Espólio arqueológico, materiais provenientes das estações arqueológicas de Alcalar, Monte Canelas, Abicada, Monte Mar, Vale da Arrancada, Vila Velha, Alvor, Baralha, Grutas da Mexilhoeira, Montes de Cima, Armazém de Arge, Igreja Matriz da Mexilhoeira Grande, Rio Arade;
- c)-Colecção Manuel Teixeira Gomes;
- d)-Património Imaterial (testemunhos orais e histórias de vida);
- e)-Fundos documental, iconográfico e fotográfico.

No âmbito do Centro de Documentação/Arquivo Histórico, o Museu dispõe de um conjunto bibliográfico, documental, iconográfico e fotográfico local e regional, que permite o conhecimento e estudo da história local e regional.

O espólio do Museu é essencialmente constituído por materiais de natureza inorgânica. Os materiais predominantes e em maior quantidade são os metais, cerâmicas e líticos, coexistindo com materiais orgânicos, tais como madeiras, têxteis e materiais compósitos mas em menor número.

2.2. Estado de Conservação

O estado de conservação das colecções foi determinado a partir de um levantamento preliminar de patologias.

Constata-se que a sua condição actual é boa na maioria das colecções já inventariadas e regular nas restantes colecções.

2.3. Localização das colecções

As colecções encontram-se acondicionadas em reservas específicas e de volumetria diferenciada, nos Pisos 0 e 1.

A sua localização permite um fácil acesso interno e um eficaz controlo de acessos e circulação interna.

3. Caracterização dos recursos humanos

Grupo de Pessoal	Carreira	Providos, Situação	Sector funcional
Direcção	Director de Projecto	Nomeação	Direcção de Projecto Municipal – Museu Municipal de Portimão
	Chefe de Divisão*	Nomeação	Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico
Técnicos Superiores	Técnico Superior de Artes Plásticas	1 Contrato a termo	Serviço Educativo
	Técnico Superior de Arquivo	1 Quadro + 1 Contrato a termo	Sector de Arquivo
	Técnico Superior de História, Património Cultural	1 Quadro* + 3 Contrato a termo	Sector de Museus Sector de Património
	Técnico Superior de História – Arqueologia	1 Quadro + 1 Contrato a termo	Sector de Património
	Técnico Superior de Conservação e Restauro	1 Quadro	Sector de Museus
	Técnico Superior de Antropologia	1 Quadro	Sector de Museus
Técnico Profissional	Técnico Profissional BAD	1 Quadro	Sector de Arquivo
	Técnico Profissional Arquivo	1 Contrato a termo	
	Técnico Profissional de Museografia	4 Quadro	Sector de Museu
Administrativo	Assistente Administrativo	1 Quadro	Direcção de Projecto
Auxiliar Técnico	Auxiliar Técnico de Museografia	6	Sector de Museus
	Auxiliar Serviços Gerais	1 Contrato a termo	
Total		26	

Quadro – Março 2008

3.2. Recursos internos e externos

Os recursos humanos e os meios técnicos previstos para o Museu de Portimão, estão de acordo com a sua vocação, tipo e dimensão, sendo equacionada, quando necessário, o recurso à externalização de serviços para trabalhos específicos (limpeza, segurança, restauração, expurgos, transporte, exposições, etc.).

3.3. Formação profissional contínua

Existe Plano de Formação Interna, orientado pelos profissionais do Museu, a partir de um levantamento de recursos humanos e necessidades da instituição, recorrendo-se a formadores externos em casos específicos e na ausência de quadros internos. Serão realizadas periodicamente reuniões internas de informação, actualização e preparatórias de atitudes e procedimentos a desenvolver, de acordo com as situações profissionais e as áreas de actuação do Museu.

4. Caracterização das áreas

Piso	Designação do espaço	Tipo de espaço
Piso -1	CISTERNA/PERC. EXPOSITIVO MULTIMÉDIA	Público
	GALERIA TÉCNICA	Reservado
	ÁREA TÉCNICA MONTA CARGAS	Reservado
	ÁREA TÉCNICA/DESALINIZAÇÃO	Reservado
	SUB-PALCO	Condicionado
	OFICINA	Condicionado
	ÁREA TÉCNICA/AUDITÓRIO	Reservado
	ÁREA TÉCNICA/ARQ. SUBAQUÁTICA	Reservado
	I.S. PESSOAL	Reservado
	VEST./BALN. ARQ. SUBAQUÁTICA	Reservado
	CENTRAL TÉCNICA- AVAC	Reservado
	SALA DE BOMBAGEM	Reservado
RESERVATÓRIO DE ÁGUA	Reservado	

Piso	Designação do espaço	Tipo de espaço
Piso 0	HALL SECUNDÁRIO E3	Reservado
	CORREDOR COND. AUDUTÓRIO	Reservado
	HALL CAMARINS	Reservado
	SALA DE ENSAIO	Reservado
	CORREDOR CAMARINS	Reservado
	CAMARIM PRINCIPAL	Reservado
	I.S/BALN. CAM. PRINCIPAL	Reservado
	I.S/BALN. CAM. COLECTIVOS	Reservado
	CAMARIM COLECTIVO I	Reservado
	CAMARIM COLECTIVO II	Reservado
ARRUMO	Reservado	

Piso 0	HALL SECUNDÁRIO MUSEU E1	Público	
	SALA DE EXP. TEMPORÁRIAS	Público	
	ÁTRIO DE SERVIÇO AUDITÓRIO	Público	
	ANTE-CÂMARA	Reservado	
	ÁTRIO SECUNDÁRIO	Público	
	HALL INST. SANITÁRIO	Público	
	I.S DEFICIENTE	Público	
	I.S FEMININA PÚBLICA	Público	
	I.S MASCULINA PÚBLICA	Público	
	CORREDOR DE SERVIÇO I	Reservado	
	ÁTRIO DE SERVIÇO	Reservado	
	CORREDOR DE SERVIÇO II	Reservado	
	SALA DO PESSOAL	Reservado	
	VEST./BALAN. PESSOAL FEMININO	Reservado	
	VEST./BALAN. PESSOAL MASCULINO	Reservado	
	ARRECADAÇÃO A3	Reservado	
	LABORATÓRIO	Reservado	
	OFICINA	Reservado	
	SALA DE EXP. PERMANENTES	Público	
	RAMPA ACESSO PISO INTERMÉDIO	Público	
CORREDOR ACESSO AUDITÓRIO	Público		
Piso 0	ÁTRIO PRINCIPAL/RECEPÇÃO	Público	
	HALL -CENTRO DOCUMENTAÇÃO	Público	
	HALL -ACESSO RESERVAS	Reservado	
	BENGALEIRO	Público	
	TECNOTECA-SERV. EDUCATIVOS	Público	
	TECNOTECA-SALA DO CONTO	Público	
	TECNOTECA-GABINETE	Reservado	
	CORREDOR LAB. FOTOGRÁFICO	Condicionado	
	LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO	Condicionado	
	CORREDOR I COND. RESERVAS	Reservado	
	SALA DE PREP. DE EXPOSIÇÕES	Reservado	
	SALA DE RESERVAS	Reservado	
	POÇO DA PLATAFORMA	Reservado	
	CAIS DE DESCONTAMINAÇÃO	Reservado	
	ENTRADA/RECEPÇÃO RESERVAS	Reservado	
	SALA DE DESCONTAMINAÇÃO	Reservado	
	ACESSO CENTRO DOCUMENTAÇÃO	Público	
	CORREDOE I. SANITÁRIAS	Público	
	I.S FEMININA C. DOC.	Público	
	I.S MASCULINA C. DOC	Público	
	I.S DEFICIENTE C. DOSC	Público	
	HALL/RECEPÇÃO C. DOC.	Público	
	ESPAÇO INTERNET	Público	
	SALA CONSULTA E LEITURA GERAL	Público	
	DEPÓSITO DO ARQUIVO HISTÓRICO	Reservado	
	HALL DE DISTRIBUIÇÃO	Público	
	ARQUIVO FOTOGRÁFICO	Reservado	
	SALA DE TRATAMENTO	Reservado	
	SALA DE REGISTO	Reservado	
	ACESSO DE DEFICIENTES	Público	
	SALA DE LAVAGEM	Público	
	Piso 0	BENGALEIRO/RECEPÇÃO	Público
		FOYER-AUDITÓRIO	Público
FOYER-BAR		Público	
APOIO BAR		Público	
ÁREA TÉCNICA		Reservado	
HALL INST. SANITÁRIAS		Público	
I.S FEMININA AUDITÓRIO		Público	
I.S MASCULINO AUDITÓRIO		Público	
I.S DEFICIENTE		Público	
PALCO		Reservado	
BOMBEIRO	Reservado		

Piso 0	BASTIDORES	Reservado	
	ÁREA TÉCNICA AVAC	Reservado	
	PÁTIO TÉCNICO	Reservado	
	ZONA DE LAVAGEM DE MATERIAIS	Reservado	
	CORREDOR TÉCNICO	Reservado	
	POSTO DE TRANSFORMAÇÃO	Reservado	
	NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA	Reservado	
	HALL DE ENTRADA-CAFETARIA	Público	
	LAVABO CAFETARIA	Público	
	I.S FEMININA CAFETARIA	Público	
	I.S MASCULINA CAFETARIA	Público	
	I.S DEFICIENTE CAFETARIA	Público	
	CAFETARIA	Público	
	BAR	Público	
	COZINHA	Reservado	
	COPA	Reservado	
	ECONOMATO	Reservado	
	CORREDOR DE SERVIÇO	Reservado	
	HALL SERVIÇO	Reservado	
	I.S PESSOAL	Reservado	
	ESPLANADA	Público	
	Piso 0	RAMPA ACESSO PISO1	Público
		ARREC. TECNOTECA-SERV. EDUC.	Reservado
		SOBREPISO PREP. EXPOSIÇÕES	Reservado
GABINETE DIR. CENTRO DOC.		Reservado	
SALA DE INVESTIGAÇÃO		Público	
TERRAÇO		Público	
VARANDIM SALA DE LAVAGEM		Reservado	
ÁREA TÉCNICA AVAC		Reservado	
FOYER SUPERIOR-AUDITÓRIO		Reservado	
CABINE DE PROJECCÃO		Reservado	
AUDITÓRIO-185 LUGARES		Público	
ESCADA		Público	
HALL RESTAURANTE		Público	
RESTAURANTE		Público	
COZINHA		Reservado	
COPA		Reservado	
COPA SUJA		Reservado	
ECONOMATO		Reservado	
VEST./BALN.MASC. PESSOAL		Reservado	
CORREDOR		Público	
TERRAÇO		Público	
VARANDA		Público	

Piso	Designação do espaço	Tipo de espaço
Piso 1	CORREDOR	Reservado
	SALA DE REUNIÃO	Reservado
	I.S FEMININA PÚBLICA	Público
	I.S MASCULINA PÚBLICA	Público
	I.S DEFICIENTE	Público
	HALL DE DISTRIBUIÇÃO	Público
	SALA DE EXP.TEMPORÁRIA	Público
	ARRUMO EXP. TEMPORÁRIA	Reservado
	ÁTRIO DE DISTRIBUIÇÃO	Público
	HALL DE DISTRIBUIÇÃO	Público
	CORREDOR SERV. ADMINISTRATIVO	Reservado
	SALA DE REUNIÕES	Reservado
	SALA DE REGISTO/INVENTÁRIO	Reservado
	CASA/COFRE FORTE	Reservado
	I.S FEMININO SERV. ADMIN.	Reservado
I.S MASCULINO SERV. ADMIN.	Reservado	

Piso 1	SALA TÉCNICA E ESTAGIOS	Reservado
	SALA DE TRABALHO	Reservado
	SALA DE TRABALHO	Reservado
	SALA DE SECRETARIADO/ARQUIVO	Reservado
	SALA DE DIRECÇÃO	Reservado
	ARREC. DE LIMPEZA	Reservado
	SALA GESTÃO CENTRALIZAÇÃO	Reservado
	SALA DE INFORMÁTICA	Reservado
	HALL ÁREA TÉCNICA	Reservado
	ÁREA TÉCNICA-AVAC	Reservado
	GALERIA DE RESERVAS I	Reservado
	RESERVAS I	Reservado
	RESERVAS II	Reservado
	RESERVAS III	Reservado
	RESERVAS IV	Reservado
	HALL RESERVAS	Reservado
ECONOMATO	Reservado	

4.1 Áreas expositivas

Os espaços destinados a exposições apresentam-se em duas áreas distintas:

a)-A área de exposição de longa duração dividida por três espaços:

-Sala de Lavagem e "Descabeço";

-Cisterna;

-Nave Principal.

b)A área de exposição temporária distribui-se pelos pisos 0 e 1.

4.2. Áreas de Reserva

As reservas localizam-se no Piso 0 e Piso 1, de acesso reservado.

Constituem-se como espaços internos fechados, concebidos de acordo com a especificidade das suas funções, garantindo uma boa preservação do acervo.

No piso 0- Dois espaços de reserva destinados a peças e máquinas de grande porte das colecções de património industrial e das colecções etnográficas.

No piso 1- Quatro espaços de reserva para as colecções de arqueologia, peças de pequeno e médio porte do património industrial e etnográfico, das colecções de artes plásticas, desenhos e de têxteis.

A instalação de *mezzanines* nos espaços de reserva, conjugada com a instalação de estanteria compacta, de estanteria comum e de estanteria de paletização, nas áreas de pé-direito livre, permite um aumento da área de acondicionamento das colecções, permitindo áreas livres para novas e futuras incorporações.

O Museu possui Casa Forte e Cofre para salvaguarda de peças de elevado valor patrimonial.

O acesso às reservas é condicionado conforme descrito no Regulamento Interno.

4.3. Centro de Documentação/Arquivo Histórico

Localizado no Piso 0 é um espaço vocacionado para a pesquisa e investigação em diversas áreas da história local e regional, dividido em diversos espaços com características próprias:

- a)-sala de consulta e leitura geral;
- b)-sala de consulta e investigação;
- c)-sala de registo
- d)-sala de tratamento
- e)-sala/depósito geral
- f)-depósito fotográfico.

4.3.1. Salas de Consulta, Leitura Geral e Investigação

Estes espaços públicos destinam-se ao estudo e investigação, estando preparado para consulta em suporte impresso, informático, multimédia, cartografado.

4.3.2. Sala de Registo e Sala de Tratamento

Zonas de trabalho onde os documentos são recebidos, conferidos e identificados, separados e tratados tecnicamente de acordo com a sua especificidade, origem, estado de conservação e destino.

4.3.3. Depósito Geral e Depósito Fotográfico

A sua função reporta-se ao depósito de fundos documentais, iconografia, títulos bibliográficos, imprensa local e regional e cartografia. O projecto assegura uma boa circulação e transporte de documentos entre os vários espaços, em carrinhos apropriados e elevador de papéis entre pisos.

4. Auditório

O Auditório destina-se à realização de um conjunto diversificado de actividades, compreendendo palco (com meia teia), sub-palco, plateia, *régie*, *foyers*, bengaleiro, camarins, sala de ensaio, oficina e outras áreas técnicas.

A circulação e acessibilidade poderão ser feitas directamente do exterior ou do interior do museu, a partir das salas de exposições ou da sala de formação/reuniões. Estes circuitos possuem bastante flexibilidade, podendo ser utilizados de forma fluida e contínua ou inteiramente individualizados e autonomizados

5. Público

O público alvo do Museu de Portimão é o público em geral, a população residente e turística do Município e da região algarvia.

As actividades terão em conta públicos específicos, tais como a comunidade educativa, grupos profissionais e sociais.

O Museu possui condições de acessibilidade aos visitantes com necessidades especiais, sem qualquer tipo de barreiras arquitectónicas .

III – Avaliação de Riscos

1. Edifício

Dado tratar-se de um edifício de reabilitação profunda e construção recente não existe registo de problemas estruturais. Em termos de climatização o projecto contemplou a existência e utilização de equipamentos que permitem monitorizar os parâmetros de humidade, temperatura e os níveis de poluição em cada espaço.

A iluminação geral foi projectada de forma a não constituir grande risco para as colecções, recorrendo-se a filtros específicos para cada situação e sistemas mecânicos de obscurecimento das salas, tentando-se minimizar os seus efeitos negativos.

A segurança contra intrusão e incêndio é assegurada por meios humanos, barreiras físicas e detecção e alarme electrónicos.

Os acessos ao edifício, em caso de emergência, são facilitados pela localização do Museu junto a amplas vias de comunicação.

A construção da Cafeteria/Esplanada/Restaurante em bloco apartado do edifício principal, minimiza a ocorrência de contaminação de pragas, o risco de propagação de incêndio e de poluentes.

2.Áreas

O edifício do Museu foi elaborado tendo em conta a separação e articulação entre duas grandes áreas:

- a)-área de acesso público (livre e condicionado);
- b)- área de acesso reservado.

A sua funcionalidade constituída como um todo coerente, organiza-se segundo o princípio da flexibilidade, sequencialidade e complementaridade orgânica e espacial, dotado em síntese, das áreas específicas constantes da sua programação espacio-funcional, conforme Quadro, do ponto 4- Caracterização das áreas, do Capítulo II.

Além dos acessos interiores existem entradas directas dos utentes aos serviços públicos:

- a)-Centro de Documentação/Arquivo Histórico;
- b)-Auditório;
- c)-Cafeteria/Esplanada/Restaurante;
- d)Salas de Formação.

As cargas e descargas são efectuadas directamente em cais próprio, com facilidade de acesso exterior, para veículos de grandes dimensões.

Os meios e equipamentos instalados no Laboratório e na Oficina de Conservação e Restauro garantem as condições de segurança aos funcionários (ex.:duche de emergência, lava olhos, armários de segurança para produtos químicos, farmácia).

Existe um circuito próprio e sequencial para o trânsito de peças desde a carga/descarga, à exposição, área de tratamento, conservação, restauro ou reserva.

3.Acervo

As condições existentes de exposição e de reserva (luz, humidade relativa, temperatura, tipo de segurança, entre outros), obedecem a uma programação de minimização dos factores de degradação das peças, tendo em conta a diversidade de tipologias de colecções existentes e dos materiais que as compõem.

As peças são registadas em livro próprio e inventariadas em ficha manuscrita e em base de dados (com backups regulares guardados em edifício apartado), criando um sistema de organização interna que permite identificar e localizar todas as peças do Museu, ou colocadas à sua guarda.

4.Factor humano

Os riscos de ocorrência mais prováveis estão relacionados com:

- a)-Segurança (roubo, vandalismo);
- b)-Acesso às colecções e seu manuseamento;
- c)-Causas profissionais (má formação profissional, incúria ou negligência).

Está condicionado o acesso de objectos como malas de grandes dimensões, mochilas, sacos de compras, chapéus-de-chuva, comida ou outros, e passíveis de serem considerados perniciosos à boa preservação do espólio exposto, tanto nas salas de exposições, como nas áreas de reserva e laboratórios, existindo locais próprios para o seu depósito temporário.

Não é permitido o acesso dos visitantes a áreas técnicas e administrativas.

IV – Normas e Procedimentos

1.Segurança

Constituem matéria do reforço da segurança os seguintes elementos:

1.1. Equipamentos de segurança

Existem meios mecânicos, físicos e electrónicos capazes de garantir a prevenção, a protecção física, a detecção e o alarme, ligados a uma central de gestão de segurança. O sistema é constituído por uma central de intrusão

com capacidade para 72 zonas, expansível a 192 zonas, contactos magnéticos de alta segurança, detectores infravermelhos e sirenes de alarme interior.

O comando e programação do sistema são realizados por teclado remoto, tipo LCD.

É considerado fundamental a presença de vigilantes de sala e de seguranças. O edifício possui sistemas de detecção de incêndios e inundações, bem como sinalética de emergência.

Relativamente às inundações está implantado de um sistema de detecção de água no imóvel, com ligação a bombas de descarga com válvulas “não retorno” e bombas de drenagem.

Para além deste sistema, toda a estrutura foi devidamente impermeabilizada, sendo que as estantes e vitrinas serão sempre colocadas com um afastamento não inferior a 10 cm do solo.

A existência de arcas *No Frost*, permitirão em caso de inundação, guardar toda a documentação afectada.

Em caso de pequenas inundações, existem nas diversas divisões do Museu *Kits* de material absorventes que permitem uma rápida actuação.

Relativamente ao sistema de detecção de incêndios este é constituído por uma central de detecção de incêndios (CDI), do tipo analógico-endereçável, localizada na sala de segurança, devidamente equipada com todos os órgãos necessários ao seu funcionamento e exploração.

O sistema será constituído por uma central de incêndios com capacidade de 4 loop, detectores ópticos de fumos, detectores térmicos, detectores *beam*, detectores de chamas, botoneiras de alarme, módulos de comando e alarme, um painel repetidor.

Para além destes, estão igualmente previstos extintores de pó químico ABC, extintores de água e extintores de CO₂, bocas-de-incêndio, do tipo carretel, com e sem tomada de água.

Os botões de alarme manual, estão localizados junto às saídas de emergência e nos caminhos de evacuação, tendo como função quando premidos, o desencadear mais precoce das acções a desenvolver pela central

de detecção de incêndios, assim como a sinalização acústica na respectiva área.

A ordem de emissão de eventual alarme de evacuação não será automática, a partir da Central, mas sim manual, através das botoneiras localizadas nos diversos balcões, de forma a evitar situações de generalizadas de pânico.

Perante uma sinalização de alarme, a central de detecção de incêndios, identificará o elemento sensor (ou agrupamento de elementos sensores) de onde partiu a informação e, consoante a sua programação, desencadeará um conjunto de operações nomeadamente de alerta ou mesmo evacuação, actuação sobre os elementos passivos de segurança no sentido de impedir a progressão do sinistro e manter livre de fumos os caminhos de evacuação. Simultaneamente enquanto este mecanismo é accionado, são igualmente conectadas as motobombas e electrobombas, as quais proporcionam o escoamento de águas introduzidas pelo sistema de extinção de incêndios.

Os comandos desencadeados pela central, poderão ser temporizados, conforme as conveniências operacionais, origem do alarme, ou sequência de informações.

O combate a incêndios no caso do Depósito do Centro de Documentação é feito a partir da introdução de HCF23 e Azoto (N₂), substituindo desta forma o Oxigénio.

Existe um sistema de detecção de gás nas cozinhas da Cafeteria e do Restaurante.

Em caso de detecção pelas sondas, será automaticamente accionada a sinalização luminosa e acústica e efectuado o corte de gás.

1.2. Normas de funcionamento das reservas

O acesso às reservas é condicionado e permitido apenas aos técnicos do Museu que trabalham directamente no respectivo serviço de gestão das colecções e aos investigadores autorizados de acordo com as normas do Regulamento Interno.

A entrada nas reservas será sempre registada em ficha própria e mediante justificação e hora de entrada e saída.⁵

1.3. Normas de funcionamento das salas de exposição

Nas salas de exposição será expressamente proibido a entrada de animais, comidas ou bebidas, correr nos diversos espaços, tocar nas peças, fumar, fotografar ou filmar⁶.

1.4. Normas de funcionamento da oficina e laboratório de conservação e restauro

No desenho e distribuição espacial da oficina e do laboratório de conservação e restauro, prevalece a funcionalidade e a segurança dos trabalhos a efectuar.

Como forma de minimizar o potencial de risco, ambas as salas dispõem de duas portas de uso habitual, numa confluência de área de emergência com o duche rápido e o lava-olhos e o sistema de ventilação instalado impede a acumulação de vapores.

As redes de serviço, como água, electricidade e seus equipamentos estão projectadas com elevada protecção, dispondo toda a canalização de sifão.

2. Monitorização e controlo ambiental e biológico

2.1. Luz

A iluminação é feita através de luz artificial e filtrada.

Evita-se a entrada de luz natural recorrendo-se à utilização de vidros com filtros incorporados, estores e persianas (lâminas exteriores móveis e orientáveis para reduzir os níveis de iluminação, incidência e exposição à luz solar), evitando a radiação ultravioleta.

⁵ *vide* Regulamento Interno, do Museu de Portimão, art.º20.

⁶ *Vide* Regulamento Interno do Museu de Portimão, art.º18.

Por outro lado, em exposição será evitada a incidência directa da luz sobre as peças, sendo os níveis de iluminação, grau e tempo, determinados em relação à natureza dos materiais em exposição.

A monitorização sistemática dos níveis de iluminação é feita por luxímetros. A iluminação das reservas, assim como do depósito geral do Centro de Documentação/Arquivo Histórico, só é accionada através de interruptores quando estreitamente necessário.

2.2. Climatização

Foi projectado um Sistema de Climatização capaz de utilizar a água do Rio Arade, como uma fonte de água fria, permitindo o seu uso para efectuar o pré-arrefecimento de diversas áreas do museu, bem como o arrefecimento do condensador da unidade produtora de água gelada (*chiller*).

Todo este sistema para além de permitir a minimização das instalações de recirculação de ar, com arrefecimento ou aquecimento, vai funcionar como uma importante factor de redução e da proliferação de contaminantes, podendo ainda ser utilizado como um todo ou sub-dividindo-se em unidades independentes.

No depósito geral do Centro de Documentação/Arquivo Histórico, a climatização assenta numa unidade de tratamento de ar novo, equipada com ventilador de insuflação, dois estágios de filtragem, bateria de pré-arrefecimento, bateria de aquecimento e arrefecimento e atenuador de som, permitindo uma temperatura entre os 18 e os 20°C, para uma HR entre os 45 e 55%.

O depósito de fotografia tem assegurado três unidades climatizadoras do tipo ventiloconvector, efectuando-se o controlo de humidade através de desumidificadores do tipo mural, com controlo por humidostato ambiente, sendo a temperatura monitorizada por sensores, assegurando uma temperatura até 18°C e uma HR entre 30 e 45%.

Para o caso específico de alguns elementos que necessitam de uma temperatura e humidade muito baixa, como o caso de películas, neste tipo de situação recorre-se à sua colocação em câmaras frias.

Para as Salas de Consulta e Investigação, a climatização é feita pela unidade de tratamento de ar novo e pelas malhas de aquecimento/arrefecimento prevista para os pavimentos, sendo que as salas de tratamento e gabinetes de registo possuem ventiloconvectores.

O controlo da temperatura nestas salas é assegurado por sensores de temperatura que regulam a circulação de água nos pavimentos, reajustando a temperatura na unidade de tratamento de ar.

Para estas áreas a temperatura é de 20 a 25°C, Inverno e Verão, respectivamente para uma HR de 50%.

A climatização e renovação de ar das reservas e oficinas são garantidas por duas unidades de tratamento de ar novo sendo a extracção de ar feita através dos ventiladores.

O controlo do nível de HR para as reservas (50 %, com variação de 5%; com excepção para a reserva de elementos metálicos 40%, com variação de 5%), é conseguido através de desumidificadores do tipo mural, com controlo por humidostato ambiente.

No caso da temperatura estão instalados sensores e esta deve manter-se entre os 18 e os 22°C.

Para as Salas de Exposições Temporárias está instalado em cada uma um sistema de tratamento de ar.

Na sala do piso 0 encontra-se ainda um humidificador a vapor e no caso de ser necessário proceder a uma desumidificação, esta é obtida através do reaquecimento.

Para o piso 1, a extracção do ar é natural, saindo através das grelhas da cobertura.

Em ambos os casos, o controlo da temperatura é feito mediante um sensor de humidade e temperatura.

Para a Sala de Exposições de Longa Duração optou-se pela instalação de uma unidade de tratamento de ar e quatro circuitos para arrefecimento/aquecimento radiante a partir dos pavimentos.

A introdução de ar na sala é feita através de painéis difusores de deslocamento instalados na parede de separação do átrio, junto à porta de

acesso à sala de Exposições Temporárias e junto à rampa de acesso ao *Foyer* do Auditório.

A extracção de ar é conseguida por uma conduta de retorno à unidade de tratamento de ar, grelhas de sobrepressão e dois ventiladores, os quais garantem a renovação de ar na galeria e cisterna e nas áreas técnicas. Novamente são utilizados sensores de HR para monitorização.

Nestes três últimos casos os níveis de HR e temperatura serão regulados de acordo com a natureza dos próprios objectos a expor.

As condições ambientais nas diversas salas são controladas a partir de controladores digitais (DDG), com sensores de ambiente para o controlo da temperatura e humidade do ar.

Em função da leitura registada nestes sensores são comandadas as válvulas de água quente e gelada e os registos motorizados de ar novo e extracção. Por sua vez estes encontram-se ligados em rede a um computador que permite visualizar o estado de funcionamento nas diversas instalações.

2.3. Poluentes

Não existe ainda historial de registo de poluentes. De salientar que a monitorização será efectuada de forma periódica, através de equipamento de leitura química, tendo em vista confrontar os resultados obtidos, com os do sistema de climatização.

2.4. Controlo biológico

O controlo biológico será feito periodicamente mediante uma inspecção do edifício e verificação das condições ambientes, esta monitorização será facilitada pela colocação de armadilhas para insectos, as quais permitirão a detecção de pragas infestantes.

3. Manutenção de equipamento

Dada a diversidade e especificidade técnica dos vários sistemas instalados no Museu, a manutenção destes tem por base a contratualização de serviços externos à instituição.

Contudo a manutenção dos equipamentos prevê a inspecção periódica de todos os sistemas existentes, por um técnico de manutenção do Museu encarregue de detectar anomalias e proceder a pequenas reparações ou a solicitar a intervenção de técnicos especialistas externos de forma a manter o bom funcionamento dos equipamentos.

4. Materiais, equipamentos, sistemas de exposição e reserva de organização do espaço

4.1. Exposição

4.2. Reservas

5. Limpezas de espaços, equipamentos e acervo

5.1. Espaços e equipamentos

A limpeza dos espaços públicos, área técnica e área administrativa é efectuada diariamente por contratação de serviços externos.

De forma a não constituir qualquer foco de patologias e evitar danos físicos aos funcionários a executar este tipo de tarefas, será ministrada receberão formação específica para o efeito.

De igual modo, evitando o eventual aparecimento de degradação química, os produtos usados serão de boa qualidade e neutros, estando sujeitos à aprovação.

5.2. Acervo

A limpeza do acervo em reserva deve ser mínima, uma vez que, pelo disposto anteriormente, as instalações assim o permitem.

Não será descuidada a necessidade deste tipo de operação pelo que a mesma será realizada periodicamente, de acordo com objectivos específicos e indicações e procedimentos previamente descritos e acompanhados pelo responsável do Serviço de Conservação e Restauro.

Por outro lado, só poderá ser executada por funcionários devidamente credenciados ou sob supervisão deste.

No caso de ser necessário o uso de qualquer agente químico, a sua utilização está sujeita à aprovação, devendo ser inócuo e apresentar boa qualidade.

6. Circulação de bens culturais

6.1. Manuseamento

Todo e qualquer movimento tido como desnecessário para qualquer tipo de peça será evitado e dependerá da programação museológica, de protocolo de cedência/empréstimo, de investigação ou tratamento.

No caso de ser necessário proceder à sua movimentação, o seu manuseamento será feito com os meios de protecção indicados, usando obrigatoriamente luvas, vestuário e outro equipamento apropriados e sistema de transporte de camas, contentores ou outro processo específico para a boa prossecução da operação.

O uso de luvas aplica-se igualmente às condições de investigação que impliquem qualquer contacto com as peças.

6.2. Circulação interna

As peças serão movimentadas em locais de boa circulação, cujo percurso seja anteriormente estudado, serão colocadas e protegidas dentro de um sistema previamente definido contra danos, choques ou vibrações.

Todos os movimentos serão registados em ficha de inventário, apresentando assim os motivos do movimento.

No caso das exposições, o espaço denominado por Sala de Apoio Museográfico, será utilizado como entreposto privilegiado, para as operações anteriores e posteriores à montagem/desmontagem das exposições.

6.3. Circulação externa

A circulação externa dependerá da aprovação do responsável do Museu, bem como do estado de conservação das peças em causa.

Esta situação implica ainda a existência de uma correcta embalagem, um bom manuseio, transporte e acompanhamento, não dispensando a existência de seguro